

Redacção e administração

R. D. Antonio Barroso
n.ºs 14 e 16

Assignaturas (pagamento
adiantado)

Anno 600 reis
Sem estre . . . 300 »

A cobrança pelo correio augmenta
do reis em cada recibo

Editor—Maçnel P. de Villas-bons

FRATERNIDADE

ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

Typographia Soucasaux

Boas-Festas

Aos presados assignantes,
Distinctos collaboradores,
A todos, pois, em geral,
Não esquecendo os leitores.

Vem hoje a «Fraternidade»
Saudar, mui reconhecida,
E rogar-lhes com instancia
Que lhe prolonguem a vida.

EM DESAFFRONTA

É este o termo mais proprio, de que nos podemos servir, para tratar de um assumpto muito de occasião.

A cidade do Porto, de onde o progresso tem rompido em altos gritos a sua marcha desassomburada, de onde a voz sonora da liberdade se tem levantado com a energia de peitos verdadeiramente portuguezes, é tam bem a cidade cujo solo tem assistido a scenas revoltantissimas e de um aspecto sanguinolento e barbaro, e de uma commoção arripiante.

O Porto é a terra onde nos ultimos tempos se têm praticado os mais nefastos e mais depravados crimes, como assassinatos que enluctam familias inteiras e que chegam a causar dores profundissimas aos que os leem, os quaes são verdadeira affronta á liberdade publica porque põem em perigo a vida de qualquer cidadão.

Porém a lei, servindo-se das suas disposições ener-

gicas, tem infringindo castigos severos ao facinoroso desafortado que busca o punhal e o *revolver* para levar por diante o seu perverso instinto. Mas ainda não é bastante a severidade



Anselmo Vieira

da lei porque os crimes succedem-se e a sociedade tem de precaver-se cuidadosamente do infame que mancha honras e do ladrão que anniquilla vidas!

Do infame, dissemos, porque este não escolhe a noite nem a hora do dia para assaltar o intimo do transeunte que segue o decoro da vida, pondo acima de tudo a dignidade do seu character, a honestidade do seu rosto levantado na frente de todos, porque a Honra, como disse Vieira, é o segundo anjo da guarda da virtude.

Ha porém crimes de crimes:—ha o crime que se pratica em defesa da propria Honra,—se é que a uma desaffronta se pôde chamar crime,—e ha o crime que é levado á pratica

com intuitos perversos, como seja o roubo e o injusto anniquillamento de um ser.

O assassinato com a successão de roubo reclama uma pena pesada; e o que é levado a effeito como meio de desaffronta, — embora esse meio não seja de louvar, como não é,—merece certa compaixão pelo delinquente; porque uma Honra arrastada pelas esquinas das ruas pede uma desaffronta vigorosa sobre o difamador asqueroso e nojento que envenena a prohibidade de um character sem mancha.

Um golpe de descredito só pode ser curado por um outro golpe de desaggravo; e n'este caso o *desaggravo* não será crime.

E n'este caso está José Rodrigues Vianna, que foi empregado n'uma casa de commercio da rua das Flores, no Porto. Não lhe louvemos o procedimento porque — contanto que fosse impensado — não merece louvores; elle deveria procurar um lugar onde a sangue-frio se desaggravasse e limpasse a nodoa peçonhenta com que o seu incoherente patrão lhe procurou manchar a Honra; elle deveria recorrer ao tribunal e nunca lançar mão do *revolver* para—desaffrontar-se do calumniador indigno que sobre a sua honra lançára o descredito, sem attender á perda de um ser que vive na humildade. Um homem que se desaffronta não merece o epitheto de

criminoso, como erroneamente lhe poseram.

Elle é, para todos os effeitos, um *desaffrontado* e nunca um criminoso.

José Rodrigues Vianna procurou, n'um momento de desespero e de raiva, não o crime, mas o desaggravo perante a *ave de rapina* que se propoz enfileirar o seu nome immaculado ao lado dos da quadrilha de gatunos!

E se um *desaffrontado* é criminoso, o que deverá chamar-se ao traíçoeiro difamador?

—Porventura a Honra não é a mais rica joia de um character?—Se é, respeite-se o character que a possui!

—A Honra não será a unica riqueza do mendigo? —a riqueza do pobre salariado?

O trabalho e a honestidade é Honra; por isso, a lei, honrosamente trabalhada e justamente applicada, e em casos d'esta natureza, deve antes castigar severamente o detractor, o *criminoso que difama*, e deve levantar-se como fiel protectora do offendido, do deshonrado, d'aquelle que buscou a *desaffronta* e nunca o crime.

A propria lei, quando affrontada, tem disposições que a desaffrontam; por isso tambem o homem affrontado deve ter um desaggravo, não digamos pelo *revolver* nem pelo *punhal*, mas pela propria lei.

Aguardemos os successos para depois podermos fallar mais á vontade.

A'VANTE!

Quando este pobre e mal alinhavado escripto vir á luz da publicidade, está proximo o fim do anno de 1904; e a classe caixeiral Portuguesa terá a inscrever nos seus annaes de lu-

ta mais uma pagina de ouro.

Vae findar o anno de 1904, eis o grito! E diga-se com verdade: este anno deixa-nos saudades profundas, pois que foi um dos annos em que a nossa classe mais se salientou; e se não vejamos o que no decorrer d'esses longos 12 mezes succedeu de proveitoso para a classe em geral: Crearam-se orgãos na imprensa, os quaes se propõem defender com afincado e boa vontade as nossas regalias, espalhando tambem a instrucção no seio da classe.

No Porto, onde uma lucta digna de odios e indigna de paixões nos trazia em completa desharmonia, os seus principaes membros uniram-se para avançar desassombadamente. A'lem d'isto em Lisboa, houve um congresso de caixeiros que durou 3 dias e onde se resolveram assumptos de summa importancia para a classe em geral; e de tal importancia foi esse congresso, que tanto os jornaes da classe como as diversas aggremações a elle mandaram delegados especiaes.

Ao parlamento foram enviadas representações por quasi todas as aggremações e nucleos existentes nas diversas cidades e villas do paiz, cujas representações chegaram a despertar viva attenção do governo, em particular, e a opinião publica, em geral.

Não foi, porém, promulgada a lei que tanto ambicionamos; mas não resta duvida de que muito lucraremos com esse acerrimo movimento. O governo prometteu attender as nossas pretensões; e é convicção nossa de que houve qualquer motivo grave, que se pôz de premeio, e impediu o governo de satisfazer as suas promessas;—pois admittete-se que um governo prometta primeira e mesmo segunda vez, mas não se admittete que elle prometta dezenas de vezes e que por fim, sem motivos de certa importancia, se esqueça das mesmas promessas?!

Muitos dão a razão de que o ex.^{mo} conselheiro Hintze Ribeiro jámais lhe passou pela mente decretar a já agora malfadada lei do descanso hebdomadario. Embora assim seja, nós é que não concordamos com semelhante idea; e não cuidem os illustres leitores da «Fraternidade» que são paixões politicas o que nos obriga a fazer tal juizo; nós não somos politi-

cos, mas temos grande sympathia e grande amor pela classe a que nos honramos de pertencer; por consequencia, no nosso modo de vêr, o snr. conselheiro Hintze Ribeiro *não deve ser* tão mau como muita gente o pinta, nem deveria esquecer promessas que fez em publico...

Mas voltando ao principal assumpto d'este desataviado escripto, lembramos á classe que não desanime nem desvaneca na lucta. Hoje temos um governo progressista que dizem ser liberal. Além d'isso os principaes dirigentes d'esse partido defenderam-nos quando opposição e por consequencia tambem nos defenderão hoje que são governo.

Continuemos a lucta.

Avante, pois!

Penafiel, 23 | 12 | 904.

Domingos Affonso.

GALERIA ILLUSTRADA

Anselmo da Silva Vieira

Nós não fomos buscar este nome á galeria dos que se hão lançado com toda a fé na defeza da causa dos empregados de commercio, porque Anselmo Vieira não pertence ao numero d'esses combatentes; mas porque é um camarada que sabe impor-se ao respeito de todos e porque honra grandemente a collectividade de que faz parte—a dos caixeiros viajantes—e porque é um filho que illustra esta terra,—só estes motivos chegam de sobejo para que o retratado mereça esta humilde homenagem.

Anselmo Vieira tem sido empregado das principaes casas do commercio lisbonense, e, em todas ellas, pelo seu porte immaculado e pela lhaneza do seu character, elle tem sabido conquistar a estima de seus superiores e subordinados.

Fica, por isso, bem, á «Fraternidade», a publicação do retrato d'este filho de Barcellos e membro illustre da humilde mas honrada classe dos caixeiros portugueses.

ECOS DA QUINZENA

Eleição

Procedeu-se no dia 18 d'este mez, conforme referimos, á eleição dos corpos gerentes, conselho fiscal e mesa da assemblea geral da *Associação de Beneficencia dos Empregados no Commercio*, d'esta villa.

Na urna deram entrada 43 lista e, depois do apuramento geral, verificou-se terem ficado eleitos os socios seguintes:

Mesa da assembléa geral:

Presidente, Francisco Pereira Martins; vice-presidente, Manoel da Costa Maciel; 1.º secretario, Humberto Carmona Gonçalves; 2.º Manoel Joaquim da Silva Coutinho.

Conselho fiscal:

Presidente, Avelino Porfirio Martins; secretario, José Gomes de Sousa; vogal, Albino Gomes da Cruz.—Substitutos: Manoel Joaquim Ferreira, Sebastião Pereira de Brito e Candido Alves Martins.

Direcção:

Presidente, Aurelio Ramos; vice-presidente, João de Sousa, 1.º secretario, Francisco Lopes Guimarães; 2.º dito, José Moreira da Costa; vogaes, Agostinho Pires da Silva, Pedro Teixeira da Costa Vasconcellos e Antonio Augusto da Costa Portella; substitutos, João da Cruz Miranda e Alberto Luiz do Carmo.

A posse aos eleitos deve ser conferida no dia 1 do proximo mez de janeiro.

Consta-nos que alguns dos socios não acceitaram os cargos para que foram eleitos e, a ser isso verdade, ter-se-ha de proceder á eleição dos cargos não preenchidos.



Aguilhadas

I

Para principio d'esta secção, vou tratar de um assumpto muito a proposito e que actualmente está prendendo a attenção de alguns intellectuaes da classe.

Monteiro Borges, que é um camarada digno de pertencer ao numero dos que defendem com enthusiasmo as regalias dos caixeiros, iniciou, na *Folha dos Caixeiros*, uma serie de artigos sobre o titulo—*Comi-*

cios. Abi trata-se unica e exclusivamente de demonstrar á classe o quanto seria benefico a realisação de reuniões publicas com o fim de chamar mais a attenção dos governos para as nossas justas reclamações. Abi faz-se uma affincada propaganda da Ideia, que é de todo o ponto aproveitavel, se a classe estiver pela conta.

Eu, da minha parte, dou a Monteiro Borges o mais caloroso apoio e, com elle a meu lado, procurarei arrastar a classe do marasmo crimonoso que a manietta para a levar ao campo da verdadeira lucta.

Os comicios publicos são um bom meio de propaganda e d'elles se tem tira do alguns beneficios. Porém é preciso que todos concorram a elles, não para apreciar oradores, mas sim para tratar de causas.

Os comicios não devem servir para apreciar dotes oratorios, mas simplesmente para reclamar direitos que o proprio governo reconhece, mas que se não tem resolvido a attender esse mesmo direito.

Eu estou certo, certissimo até, de que um comicio teria para nós um valor extraordinario.

Falta porem haver quem o promova; e isto simplesmente cabe aos collegas das terras onde o numero de caixeiros seja sufficiente para a sua realisação.

Pensem n'isto os nossos intellectuaes e andem para deante.

Terminei, ali, por dizer: «andem para deante!» Fiz asneiral Não me lembrei de que a classe não pôde andar, e, quando esta não pôde, peor um pequeno grupo de membros.

Arthur, nas *Fisgadas da Luz do Commercio*, pergunta onde está a classe e onde poderemos encontrá-la!

E, quando se não sabe onde está o exercito, como é que a campanha se pôde tentar?

Quando um chefe não sabe da sua gente, como é que se pode avançar?!

Eu tambem não sei da classe; por mais que a busque e por mais que a procure ver, mais cego me vejo.

Por todos os lados eu vejo trevas; em todos os espiritos encontro receio, todos me dizem que se não faz nada:—

d'ahi se comprehende a apathia e inacção da classe.

Eu, por exemplo, tenho vontade de trabalhar pelo triumpho da causa que tambem é minha; porem vejo-me só; não tenho nem posso conseguir reunir meia duzia de soldados para uma escaramuça!

A classe, o quanto em tempo estava dividida, está hoje affastada do campo reivindicador.

Além de não fazer nada tambem não anima a que alguma cousa se faça.

Em lugar de ir para as suas associações instruir-se e relacionar-se com os seus camaradas, para assim se tornar uma familia unica, vae para os theatros, para os clubs de dança, e eil-a instruindo-se em coisas que nenhum proveito lhe dão!

Cada uma associação que se funda, d'ali a dias, vemol-a navegar n'um colosso de difficuldades, de contratempos perigosos; e cada um jornal que se propõe defender os caixeiros é ver que d'ali a dias elle tem na sua frente um abysmo horivel!

Os caixeiros, quando não devolvem o primeiro numero, devolvem o 2.º ou 3.º e, muitas vezes, quando não devolvem o jornal, devolvem depois o recibo da cobrança!

Elles despresam até os que algum interesse tomam pelas suas regalias!

Isto é que é um facto. A classe paga com ingratição aos que se esforçam em bem a servir. Não vê que o capitalismo a quer esmagar nem olha o que se lhe diz. Leva tudo a rir, olha com indifferença os seus proprios interesses—*não quer saber de nada!*

O que quer é um baile onde vá estirar os canellos e onde possa pôr o monoculo...!

A classe ri-se aos parvos que em seu beneficio trabalham, lança má olhadura aos enforcados que atravessam as mais serias difficuldades para lhe ser uteis, e do resto... aguentae-vos!

E assim, n'uma lucta tão informe, é que nós vemos sustentar-se, *quasi por capricho*, um certo numero de associações e de jornaes de classe.

... A classe está morta, falta, enterral-a!...

Desviei-me bastante do assumpto que trazia em mira.

Fraternidade

Ja occupei bastante espaço á *Fraternidade* e, por isso, vou terminar as minhas *aguilhadas* como as principiei.

A ideia dos comicios, como já acima disse, é de todo o ponto de vista aproveitavel.

O que falta saber é se a classe estará resolvida a concorrer a elles e a trabalhar affincadamente em prol das suas regalias.

O primeiro comicio a realisar-se deveria ser no Porto, por ser a terra onde com mais entusiasmo a classe tem pugnado pelos seus direitos e onde ha elementos bastantes para se effectuar uma importante reunião publica.

Eu creio que já não venceremos obstaculos com simples propaganda nos jornaes nem com trabalhos adentro das secretarias das nossas associações. Entendo que deve tentar-se uma sahida para a rua, e ahi tratarmos a valer das nossas regalias.

Mas, como já disse, é preciso que vamos para o comicio dispostos a applaudir fervorosamente a causa e não os oradores.

Ahi fica um reforço modesto á honrosa propaganda de Monteiro Borges.

Faisca

✱

PROSA E VERSO

Noivado e Morte

(Continuação do n.º 5)

—Ora sempre vossa senhoria me sahio um *chorominca!*

—Olha Joaquim; apesar de todas estas saudades é meu dever casar-a porque eu posso faltar-lhe d'um instante para outro e alem d'isso quero dar a Deus conscienciosas contas da minha missão na terra... Não te quero prender mais.

Vou almoçar uma malguinha de café que esse cherubim me deve já ter prompto e peço-te que estejas aqui ao meio dia, para assistires ao casamento que tão lindo vai ser.

Quando o sol com todo o esplendor dardejava quasi verticalmente sobre a modesta aldeia, o sino grande da torre começou a mostrar a sua retumbante voz e logo dois de voz mais fina se lhe ajuntaram n'um repique harmonioso,

periciosamente tocado pelo Tio Manoel Sinejro.

Acabava de casar a Margarida do Abbafe com o Theotonio da Ribeira

Os noivos, muito risonhos e aceados, sahiam da igreja sob uma nuvem de confeitos e rodeados de muitas pessoas amigas que os felicitavam.

.....
Ao outro dia, os sinos que tão festivamente repicaram na vespera, dobravam a finados! A aldeia festiva de hontem está de luto! Em todos os olhos se veem lagrimas!

Morreu o Abbafe!

Findo o casamento o santo velho disse a Joaquim das Eiras que o acompanhasse a casa, pois não se sentia bom.

Alli chegado bebeu por conselho de Joaquim e da creada, um pouco de chá quente. Deitou-se e depois de ouvir as recommendações de Joaquim sobre o que era bom fazer para males ruins, adormeceu com um sorriso nos labios, e pouco depois dizia em sonho:— Margarida, traze-me o chapéu e a bengala que quero ir ao passal.—Não te esqueças de ir logo á igreja pôr umas flores mais frescas no altar de Nossa Senhora...

Abriu os olhos, sentou-se na cama e, quando Joaquim das Eiras ia a deitar-lhe a mão, cahiu desamparadamente para traz. Morreu!

Barcellos.

Aprendiz



MOVIMENTO DA CLASSE

De Lisboa:

— Com a azafama dos balanços e final d'anno, não sobra o tempo para rabiscar; e esta quinzena, meus caros leitores e collegas, cruces na boca para entreter o somno.

— Na Associação dos Caixeiros realisaram-se duas festas nos dias 11 e 18 do corrente. A primeira foi organizada por uma comissão de socios, e constou de sarau e baile, e terminou, já muito tarde, com um *cobilon*. A 2.ª, promovida pela direcção, foi commemorativa do 13.º anniversario da Associação e constou de sessão solenne.

Fallaram varios oradores do movimento da classe e o sr.

Dr. Armelin J.º, que proferiu um eloquente discurso, cheio de verdades e de bons conselhos, como os sabe dar o seu esclarecido espirito de homem livre.

Ao terminar foi alvo de uma grandiosa ovação, a qual traduziu o respeito, admiração e estima que lhe consagra a classe.

— O caso da occasião é a loteria do natal, que foi mais uma illusão para os desgraçados que acalentaram a esperança de remediarem a sua triste situação n'esta quadra tristonha de chuva e frio. Pobre gente!

— A respeito de novidades, a de maior sensação, é a chegada das magestades. Muito foguete, muito barulho, muita gente e principalmente muita areia nas ruas onde passou o cortejo...

Noticias:— Sahiu no dia 20 para os Açores o nosso amigo Joaquim Reis Silva, empregado da acreditada casa Callado & Moraes, o qual vai substituir sr. Thomaz Peres Machado, que fazia aquella viagem, e que se vai estabelecer na Rua dos Fanqueiros de sociedade com seu irmão José Peres Machado, adoptando a firma Machado & C.ª, como a já usada no outro estabelecimento que possuem no Campo dos Martyres da Patria.

Boa viagem e muito negocio.

— De visita a sua familia, partiu para Vizeu, no dia 21, o nosso amigo Rodolpho Castello Branco, empregado da casa Africana e que conta ali demorar-se uns dias.

Que encontre todos os seus de feliz saude, é o que desejamos.

— A todos os amigos e collegas desejo felizes festas e o anno novo muito prospero.

Seta.

✱

Telegramma

Montemór-o-novo—29, ás 2 h. da tarde: Realisou-se, domingo, a inauguração da bibliotheca do Grupo dos Caixeiros. Houve copo d'agua e sessão solenne onde fallaram Almeida, Carvalho, Ferro, Mattos e Amaro. Assistiu philharmonica Carlista.

Roiz.»

Regosijamo-nos com a festa dos collegas de Montemór, e aguardamos informações do nosso solcito correspondente para o proximo n.º.